

O Brasil vai ao divã em 2022 (por Antônio Carlos de Medeiros)

[Clique aqui para ver a notícia no site](#)

A antecipação da campanha política no Brasil, forçada por Bolsonaro e impulsionada pela entrada de Lula, mudou o timing político. E já sinaliza o caráter de ponto de inflexão das eleições gerais de 2022. Trinta e três anos depois da volta das eleições diretas para presidente, em 1989, o país deve ser levado, em 2022, ao divã da revisão do seu Contrato Social de Nação. Uma “DR” coletiva. Esse é o significado simbólico de 2022. Vai exigir das candidaturas um projeto de Nação, mais do que conjuntos triviais de propostas. Portanto, poderá estimular uma espécie de processo constituinte, mesmo sem a instalação formal de uma Constituinte. Não vai ser fácil mobilizar e galvanizar a sociedade, especialmente os eleitores jovens, as mulheres e os eleitores de baixa renda. O fenômeno mundial da alienação e rejeição à Política cresceu no Brasil. A FGV Social mostrou que os jovens entre 15 e 29 anos (que são 50 milhões, ou 26% da população), mostram baixa confiança nas instituições e maior insatisfação com a vida. Desesperança. Também, sondagens realizadas por Esther Gallego e Camila Rocha revelam eleitores decepcionados com Bolsonaro, desconfiados da oposição e decepcionados com o PT. Um sentimento antissistema e desencanto com a Política, diz Gallego. As últimas manifestações mostram a defesa da cidadela de 10% de Bolsonaro – os bolsonaristas raiz. E, do outro lado, a crescente decepção e revolta com o governo, com a defesa dos valores democráticos e civilizatórios e da vida. Mas é pouco ainda. Na larga faixa central do espectro político, onde se situariam 70% de eleitores, não ressurgiu ainda narrativa (consensual) alternativa ao bolsonarismo e ao lulopetismo. Lula e Bolsonaro, cada um no seu quadrado, falam a linguagem do brasileiro comum. Têm narrativas que representam segmentos da sociedade. Mas os outros pré-candidatos ainda não tocaram o povo e não criaram identificação e raízes sociais. Esta desconexão do centro político com a sociedade pode resultar em perda de timing político. Dada a peculiaridade do momento histórico e o avanço da polarização política, a(s) candidatura(s) precisa(m) de tempo para construir capital simbólico, capital social e capital político. Não será fácil reconectar a sociedade com a Política e, depois, com o Poder. Para ganhar consistência e conquistar engajamento, a construção de candidatura(s) alternativa(s) à Bolsonaro e Lula precisa começar por inserir valores no centro das narrativas alternativas. Como materializar, em forma de políticas públicas, os valores da igualdade & justiça, da democracia & liberdade, e da comunidade & solidariedade? Como comunicar esta narrativa? A pandemia fez ressurgir pautas moderadas e progressistas, aqui e mundo afora. Escancarou as desigualdades; mostrou os efeitos das mudanças climáticas; da regressão da prosperidade; das injustiças identitárias; das ameaças à liberdade; e do individualismo possessivo. A narrativa bolsonarista não dá conta desta problemática, apesar de parecer hegemônica. A narrativa de Lula vai dar conta?

*Pós-doutor em Ciência Política pela The London School of Economics and Political Science

